

Director-Editor

FEIREIRA DA SILVA

A quem deve ser dirigida toda a correspondencia

Endereço telegraphico

ALGHARB - Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informacões anónimas

Publicação e administração Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 8 de agosto de 1920

ASSINATURAS

Tagamento adiantado Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes... \$60

COMUNICADOS E ANUNCIOS

3.ª e 4.ª pagina, cada linha \$6

Nas outras paginas, contracto especial

Composto e impresso na Typografia d'O Algarve

RUA DE ALPORTEL, N.º 23—FARO

ORDEM PUBLICA

Em varios pontos do paiz vão se registando, infelizmente com uma certa frequencia, os assaltos a estabelecimentos e as manifestações reveladoras da mais pernicioso indisciplinada, da mais grave desordem interna.

E a colheita natural da larga sementeira de odio e de anarquia que por toda a parte se vem levantando ha um tempo a esta parte. Toda a gente se acostumou a ser intolerante, a ser desordeira, a ser exigente. E assim, tanto no lar como na rua, na imprensa como no parlamento, nos gabinetes ministeriaes como nas repartições, todos se julgam com o direito de impor como verdade incontestavel a sua propria opiniao, por mais absurda que ella seja, e a desejar tudo a seu talante, empregando para isso todos os meios por mais incoerentes e prejudiciaes que elles sejam.

Um povo não pôde viver assim a redea solta, sem disciplina, sem método, sem ordem. Não o poderam viver as antigas nações, como o imperio romano, que liquidou miseravelmente mercê da devassidão e da indisciplinada semeada pelos governantes e seguidos, como consequencia logica, pelos governados; muito menos o pôde, nesta altura da historia, um povo que como o nosso tem obrigação moral de respeitar e fazer respeitar as suas antigas tradições e de não dar origem a que de fóra nos venham cusiosas e aviltantes, como quanto merecidas, reprimendas.

Atravessa o paiz uma situação difficil, gravissima mesma. Como resultado dessa situação, os artigos mais necessarios á vida sobem de preço duma maneira positivamente assustadora.

Justificam porém esse facto, por qualquer maneira, os acontecimentos ultimamente desenrolados em Setubal, Santarem e outras terras? Não; de forma nenhuma. Os assaltos não representam mais do que verdadeiros assaltos á mão armada, de que nem ao menos beneficiam os que são mais prejudicados com a carestia dos generos, pois estes são os que fazem parte da classe média, e não concorrem a esses actos, são depreciosos afelados pelas loucuras dos em-

prezarios da desordem, pagando na elevação ainda maior do preço dos generos, a indemnisação a que o assaltado tem faltamente de recorrer para não cair na falencia.

De resto, o espirito de assalto está bem patente; nesta circumstancia a vítima é sempre o refalhista que não é, afinal, o açambarcador. Este é até muitas vezes a victima do grande armazista que é por via de regra o novo rico.

Assaltou-se em Santarem uma loja de lanificios, precisamente a do comerciante que maiores facilidades concedia.

Porquê tal procedimento da multidão?

Porque atraz dessa multidão está o empresario da desordem, a complacencia criminosa das autoridades, como succedeu na quella localidade, e o espêtro negro da indisciplinada e do odio consubstanciados no bolchevismo.

Contra esta tendencia nefasta é que todos temos o dever de reagir, e reagir sem demoras, aliás cairêmos no lodçal vergonhoso da destruição completa daquilo que, felizmente, ainda nos resta: a independencia.

E esta vale por tudo. Conservemo-la, ainda que tenham de cerrar fileiras em volta do sacrosanto altar da Patria os que, a cima do socialismo odiento, que com desgosto temos visto proclamar entre nós pela imprensa, põem o amor pela sua terra e a defeza da propria honra e a das suas familias.

ECOS DA SEMANA

Situação financeira

Os erros dos politicos arvorados por calamidades varias em governantes estão causando os seus inadiveis resultados. Esses proprios governantes não escondem já perante o paiz a extrema gravidade da nossa situação economica e financeira que exige medidas efficazes e immediatas para que mais dias nós não estejamos reservados. A nossa circulação fiduciaria é assistadora, o nosso deficit enorme, a nossa carestia de generos de alimentação e outros, absoluta.

Deixem-se os governantes de mais pairatorio.

Vamos a obras... para que o doente ainda possa ser susceptivel de cura...

Na Alemanha

Apezar de tudo quanto se diz e se inventa acerca da Alemanha, este paiz dá ao mundo exemplos como este:

Resolveu o ministro do trabalho recusar subsidios aos operarios sem occupação, obrigando os a trabalhar em pontes, obras hydraulicas, desbaste de terrenos para usos agricolas, etc., sem contido os excluir de outros serviços mais em harmonia com as suas apticões.

Ora nós, que andamos sempre a imitar grosseiramente o que vimos lá por fóra, não faziamos agora uma boa obra adotando medida semelhante? Terminariamos immediatamente com a praça dos operari s sem trabalho que dessa qualide fazem profissão.

Assucar

Afirma o nosso colega A Fronteira, de Elvas, que as fabricas de conserva de fruta daquela cidade já receberam 12 vagoes de assucar, graças aos esforços empregados nesse sentido pelo deputado por aquele circulo.

12 vagoes de assucar para uma só terra! E nós em Faro sem uma saca! Não termos nós um deputado de tempera do que representa o circulo de Elvas!

Questão de sorte, afinal...

Finanças

Ao que consta o ministro das finanças vae apresentar ao parlamento diversas medidas tendentes a facilitar as operações commerciaes, sem avoumar a circulação fiduciaria.

Uma dessas providencias será a criação das «Clearing-Houses» ou «Amarras de Compensação», de accordo com o Banco emissor em Lisboa e Porto.

PARA FECHAR

O orador: —Devemos ser patriotas. —Vêae, por exemplo, os arabes: como estão ligados ao seu paiz!

Um aparte: —Pudera! E' o paiz da goma arabica.

O Arco da Vila

O magestoro Arco da Vila já tem os andames para se proceder a uma grande reparação de que ha muitos anos carece.

A occasiao é aproveitada para ser colocado o mostrador luminoso para o relogio que o nosso contreraneiro sr. Antonio dos Santos Fonseca ofereceu a cidade de Faro.

Cadeiras de Santarem Grande deposito A.M. Lopes & C. L.º FARO

NOTAS E COMENTARIOS

Agora que a agua está quasi pelo preço do vinho, saudamos comovidamente o marco fontenario do Jardim Manoel Bivar, que abriu de novo as portas á sua basta clientela, humedecendo os labios resequidos das meninas que em dias de musica cortam na saca dos rapazes e lavando a baba de tanto D. Juan, a desfazer-se em mesuras.

E ainda bem, porque aquele mono dava-nos sede quando pensavamos que não tinha agua.

Só tres cousas faltam para que o Jardim Manoel Bivar possa ser um logar aprazivel:

1.º—Mostrar de vez a pericia do actual jardineiro, que até agora apenas nas palmeiras e no amontoar da terra, se mostrou de habilidade relativa; os canteiros do jardim, não são mais do que montes de areia, e isto, para um jardim publico, é muito pouco.

2.º—Acabar com o cheiro que nos vem da sempre discutida doça, embora tenha de se encher com cloreto...

3.º—Construir nas imediações do jardim uma coisa decente, para acudir a necessidades inadiveis.

Está-se procedendo a melhoramentos no «Arco da Vila» e não falta a boa vontade á actual Camara para bem servir e zelar os nossos interesses, que são os seus.

Aqui lhe recomendamos pois, as necessidades que acabamos de apontar, certos de que não somos mais do que o porta-voz de todos os farensees.

Manuel Caetano de Sousa

HA 44 ANOS

D'«O Districto de Faro» de 3 de agosto de 1876

No domingo, 30 de julho, pouco antes do meio dia, foi esta cidade sobresaltada pelo rebate dos sinos que pediam socorro.

Um vigoroso incendio se manifestara numa porção de madeiras depositadas num barracão sito no largo do Sol-pasto. Uma alta lingua de fogo e espessos rolos de fumo davam ao espectáculo o seu cunho aterrador.

A bomba municipal mais uma vez mostrou a sua imensa utilidade.

Compareceram as autoridades, a policia municipal, o destacamento de caçadores comandado pelo sr. capitão Aréz e alguns marinheiros da esquadrilla mudos de baldes e machados.

Vimos sobre os telhados da casa contigua, auxiliando a manobra, os srs. Rio de Carvalho e segundo tenente Almeida.

O sr. Joaquim Nargão, que é quem toma a principal parte no

O vintem dos pobres

LA vae uma ideia. Bem sei que nesta época de supremo egoismo, em que a vida está cara só para nós, em que só nós não ganhamos para comer, é uma ideia perdida, é uma ideia maluca, que vae fazer rir muita gente e encolher os hombros aos que não rirem.

Bem sei tudo isso; mas a ideia lá vae: O vintem dos pobres.

A maior agonia da hora presente, da hora triste que passa, não é para aqueles que diariamente clamam aumento de ordenado e nos ameaçam de greves.

Não é para os que tem um officio e fazem pagar o seu trabalho.

Não é para os que apregoam ideias extremistas e pretendem com ellas tornarem se senhores, clamando aos outros burgoezes, enchendo á noite as tabernas, invadindo os cinemas e os theatros, comprando tudo, sem nada discutirem, esbanjando agora mais do que nunca, mas clamando, clamando sempre, com um egoismo que enoja, com um despiante que arreperia.

Não! A agonia não está nesses! A agonia pavorosa, a miseria real, macilenta, andrajosa, escura e humida de lagrimas, está escondida nos antros onde cheira a morte, onde a tuberculosa espalha a sua cór de cera, onde não entram ordenados grandes e pequenos; dorme ali no caes, ao relento, ou tomba, nas vialetas dessas ruas de sarta! A verdadeira agonia, a verdadeira miseria, paira sobre a cabeça de tantos orfãos de quem o Estado se não lembra e de quem a maioria se não condõe!

Pois bem; neste Algarve lindo, onde as flores sorriem ao ceu e onde os frutos humidos do orvalho sorriem a tantas bocas sequiosas, ha muitas flores humanas batidas pelo vento do nosso abandono e a emurdecharem com o calor da nossa criminosa indifferença.

Ha muita miseria a remediar, muita lagrima a enxugar!

Como resolver, pelo menos em parte, o problema da miseria, a maior das vergonhas para uma provincia civilizada e encantadora como a nossa?

A meu ver o caso ficaria resolvido creando o vintem do pobre.

O que vem a ser o vintem do pobre?

Muito simplesmente isto: O vintem que semanalmente seria cobrado a cada individuo, que reciba ordenado superior a um escudo diario, e obrança que poderia ser feita como producto dum imposto especial, caso voluntariamente, es ses individuos não quisessem correr para esta obra de justiça.

O commercio, os grandes industriaes e capitalistas, não deixariam de concorrer com o seu auxilio podendo mesmo criar se um imposto proporcional aos haveres.

Que falta fariam a uma bolsa, por muito pobre que ella fosse, uns miseraveis \$08 ou \$10?

E o que se faria, se cada algarvio concorresse com um vintem, para uma obra desta natureza?

É que ligo não seria essa, e que exemplo não dariamos aos que duvidam da mentalidade e sentimentos do nosso povo?

Avorae: que guardais o vosso dinheiro: gasta-se em que enchéis os cinematografos, os cafés, e os clubs; bolchevistas de mala tijela, que pretendes retalhar a Terra a estilhaços de bomba e copos de vinho, olhae que morre de fome e não tem abrigo, tanta gente da carne e osso, que não grita e não barafusta, mas que sofre infinitamente mais do que vós, supremos egoistas! São aies que pedem nesta hora um vintem para os pobres.

(Continua)

Manuel Caetano de Sousa

serviço da extinção dos incendios, pois é o porta-voz da mangueira desempenhando se desta vez deste serviço com a costumada pericia e coragem.

Harmonia conjugal

Vasto e importante problema é este sobre que tanto se tem dito, ás vezes até pondo em grave risco a moral e o bom senso.

E isto porque na maior parte dos casos, os pareceres sobre tal assunto são exprimidos por homens, propriamente ditos que, só por cismarem que se encontram num sexo de grau superior, tratam de exigir das mulheres toda a sorte de procedimentos tendentes ao conseguimento desse já fallado problema da harmonia conjugal.

É um facto curioso e digno de nota, esse. Os homens que, por via de regra sentem um certo prazer (prazer egoísta torpe e insensato) de deprimir a mulher (que é, afinal de contas a sua mãe, a sua irmã ou a sua esposa), olhando-a como um ser inferior que veio a este mundo para o servir e para vegetar como escrava,

esse mesmo homem porém, não tem duvida em assacar sobre a mulher a incumbencia de organizar e manter a «harmonia conjugal». Triste e inexplicavel contradicção! Se a mulher é um ser inferior, como pode elle dar-lhe por incumbencia uma tão grave missão?

Mas deixemos os nescios e os pobres, de espirito a contas com as considerações que atraz fazemos e que só a elles dizem respeito, e tratemos agora de acentuar a convicção de que intimamente estamos possuidos de que só pela solidariedade de esforços e de affectos entre ambos (marido e mulher) é que se pode conseguir essa coisa que para muitos parece um sonho: A HARMONIA CONJUGAL.

É da mesma opinião o valioso educador que foi Stuart Mill quando afirmou que «a colaboração diaria da vida ajudada por mutua simpatia entre os esposos, desenvolve os germens das aptidões de cada um, para abranger o campo de accção do companheiro e, pouco a pouco, engendra paridade absoluta de gostos e de genios».

Logo ai temos a harmonia conjugal, a felicidade humana.

Contos de O ALGARVE

O grão de trigo

Brincavam uns rapazes proximo de uma valeta, quando um deles deu com um objecto que se assemelhava a um grão, mas pelo volume bem parecia um ovo de pomba. De curioso que era, se poseram a mirra-lo e remira-lo, passando-o de mão para mão.

Um homem que se encamishava para a côrta, parou a vê-lo, e logo propôs aos rapazes a compra da raridade na tenção de, em seguida, ir vendê-la ao ezar.

Tão maravilhado este fica, que manda immediatemente convocar os maiores sabios do imperio, para que lhe digam se se trata de um grão ou de um ovo. Mas eles, embora assemem as lunetas, penetram pelos microscopios não se julgam capazes de decidir.

Mero acaso, deixam o objecto sobre o parapetto duma janella, e umas galinhas veem e começam a debicá-lo. Era pois um grão o que aliás não seria difficil reconhecer, pois lá e-tava a meio o sulco.

Os sabios declararam então que é um grão de trigo.

Admirado o imperador de um bago tamenho e tão perfeito, determina-lhe que estude a causa. Não ha alfarrabio, diccionario, ni ollavo que não consultem, folheem, compulsem, mas em vão.

—Senhor, declaram, nada sabemos dizer, talvez os componezes, só elles poderão conhecer e explicar qualquer cousa: E' possível que tenham ouvido falar, os mais velhos, neste assunto.

Ordena o ezar que chamem um velho camponez, muito velhinho, sem dentes, de grandes barbas brancas, e que vem amparado a duas muletas.

Dão-lhe o bago; ele olha, apalpa, toma o peso... —Que dizes velho? pergunta com interesse o imperador.

Já viste, em tua vida, bagos como esse? Viste-os semente ou colher alguma vez?

O velho, que era mouco, não ouviu as perguntas do ezar, mas respondeu:

—Nunca vi semente igual, nunca a vi semente. O trigo que comprava em meus tempos era mudiinho, muito mais pequeno. Talvez me pae vos saiba referir, senhor; talvez tivasse visto e conhecido a planta que dá um tal bago. Manda o imperador vir á sua presença o pae do velho. Chega apoiado a uma só muleta; vê bem, ainda a barba é apenas grisalha. Pega no bago e detem-se a olhá-lo com attenção.

Diz-ne que grão é este; se enquanto trabalhavas ou semente ali guma vez, ou o viste recolher dos campos.

—Não. Nunca lancei á terra semente como esta, nem a comprei; que no meu tempo não havia dinheiro; vivia-se de que se colhia, e aos que não colhiam dava-se-lhes. Semente desta qualidade, desconheça.

Lembro-me, porém, de ouvir a meu pae que no seu tempo o trigo pesava mais, o grão era maior. Escotal-o.

Tragam-me o pae deste velho, determinou o imperador. Ele aparece. É um velho vigoroso, diz-lhe, não traz muleta; os olhos novos, a fala clara, com uma ou outra barba e embranquecer.

O ezar mostra-lhe o bago; ele toma-o na mão observa-o por largo espaço.

Onde se dá esta semente, e em que estação?

—Quando eu era novo, não havia outro trigo, dele faziamos o pão nosso de cada dia.

—Compravam no ou colhiam no?

—Não, se comelia o pedado de o comprar ou vender— disse o velho, sorrindo-se enlevado nas recordações da sua mocidade.

Ainda se não via o ouro, e cada um tinha o pão que deaejava.

—E dize-me onde eram os teus campos, que te produziam semelhante trigo?

—O meu campo, imperador era a terra que Deus nos deu para cultivar. A terra de então não pertencia a ninguém e era de todos.

Trabalhavam cada um quanto lhe era necessario para viver. O meu campo era o solo que eu agricultava. Ninguém dizia: a minha, a tua, e isto nos contentavamos.

O imperador proseguiu. Mas a razão, porque nessa época era o trigo tão perfeito, volumoso e pesado, e agora é tão pequeno resequido e leve? Porque é que teu neto se ampara a duas muletas, o teu filho a uma e tu, que serás tão velho, como os dois juntos, és ainda vigoroso e rijo, tu que deverás ser o mais alqueirado, e és o mais forte e o mais alegre?

—E tu, olhar é limpido; os dentes tem-lhos todos; vibra te a vós como a dum rapaz. Porque te conservas assim?

AQUELA GANPA

Que de saudade amarga o meu carpir exala,
Ao ir de passo incerto, orar áquella ganpa,
Versos brancos! E' também branca a minha fala,
Cór dos lírios ou cór da lua quando escampa!

Uma cruz, uma pedra, um homem numa vala,
Uma lousa esculpida e uma inscrição na tampa
E uma fenda de amor! Sinto que ao escutá-la
O corpo não me vem, e o resto, ali acampa!

É minh' Alma de Choro, esta Alma que não canta
—Que em lagrimas de fel tem risos de cristal
Como o orvalho da noite á luz que o Sol levanta—

Que apolha ante meu Pai no singular coval
E uns versos vai resar-lhe em côro com alguém,
A voz mater da minha: a voz de minha Mãe!

Dum livro a sair: Colaboração de Antonio Horta e João de Matos.
João de Matos

NOTÍCIAS PESSOAES

—Regressou a Lisboa o sr. Elias Sabath.

—No domingo passado consorciou-se nesta cidade, com sua prima sr.ª D. Tereza Falcão Ramalho Ortigão, o sr. Eurico Ramalho Peres Ortigão. Testemunharam o acto os pais dos noivos, srs. Sebastião Ramalho Macedo Ortigão e Feliciano d'Abreu Macedo Ortigão e os srs. Mateus Domingues Gomes Perez, de Lisboa, e dr. Silvestre Falcão, de Tavira.

—Das Caldas de Moledo, onde esteve fazendo a sua cura de aguas, regressou a Faro o industrial sr. Manoel José Nobre.

—Com sua esposa, que vem consideravelmente melhor, regressou de Lisboa a Faro o sr. João da Silva Netto.

—Partiram para Lisboa a esposa e filha do sr. Augusto Jayme Barroso da Veiga.

—Está no seu Castelo de Arade, em Ferragudo, o sr. dr. Joaquim Coelho de Carvalho.

—Afim de arrendar casa, está em Lisboa com sua irmã, o sr. Raul Schiappa Roby, inspector da Companhia dos Tabacos, que por uma recente organização dos serviços da mesma Companhia foi ali colocado.

—Instalaram-se na Praia da Rocha as famílias dos srs. capitão Jorge Moreira, José Sepulveda Mascarenhas e Luiz Maria Vieira.

—Regressou na terça-feira de Lisboa o sr. comendador Ferreira Netto.

—Está em Monte Gordo com sua esposa, o sr. Jayme Arthur de Castro Barrot, desta cidade.

—Está em Lisboa o sr. Vasco Braz de Campos, da Tavira.

—Parte amanhã com sua esposa para Entre-os-Rios, o sr. João Rodrigues Aragão.

—Com sua esposa e filho regressou de Lisboa melhor dos seus sofrimentos, o comerciante desta cidade sr. Alfredo da Silva.

—Está em Lisboa o sr. João Antonio Judice Filho.

—Esteve em Lisboa, de onde regressou hontem o comerciante desta cidade sr. Joaquim da Silva Figueira.

—Na Praia da Rocha onde se encontra, tem estado gravemente doente a esposa do sr. major Encarnação e Sousa.

—Está em Tavira onde pouco se demora, o ministro da instrução sr. Rego Chagas.

—Fixou a sua residência em Lisboa, onde já se encontra, a sr.ª D. Maria do Carmo Valente Mascarenhas, viúva do administrador da Mina de S. Domingos, sr. João Valente Mascarenhas.

—Esteve em Faro o sr. Ildesonso Ortigão Peres, director da repartição de contabilidade publica do ministerio do Trabalho.

—De visita a suas filhas e irmãs, está em Gibraltar a sr.ª D. Sol Sequeira Amram e seu filho sr. Samuel Sequeira Amram.

—Regressou a Faro o sr. dr. João Franco Pereira de Matos.

—Com sua esposa e filhos já se encontra na Praia da Rocha o sr. Antonio Judice Magalhães Barros.

—Regressou a esta cidade com sua família, o sr. Vidal Belmarço.

DESPEDIDA

Antonio Vieira e sua esposa, tendo podido, por falta de tempo, despedirem-se de todas as pessoas de suas relações e amizade, fazem-no por este meio, oferecendo o seu limitado prestígio em Monchique.

Arrenda-se

Uma casa boa para deposito de materias explosivas. Trata-se com o dr. Galvão.

POR ESSE MUNDO

A agua do mar contém varios metais preciosos. Por minima que seja a proporção em que se encontram, dada a immensidade dos oceanos, resoltam enormes riquezas escondidas nessas aguas salgadas, de um azul que é uma esperança até agora sem solução para os numerosos quimicos que se tem dedicado ao problema do aproveitamento d'essas riquezas, por preços que não excedam o seu valor. Segundo Blakmore, um quilometro cubico de agua do mar contém aproximadamente cento e onze mil libras de francos de ouro, setenta e oito mil libras de prata e dez milhões de prata.

Com tanto ouro nos nossos mares e tão pouco nos cofres do nosso Estado!

A luz electrica contribuiu para que a mortalidade diminuisse 1 por 1000. A razão é esta: Um simples bico de gaz ou em candieiro de petroleo consomem tanto ar como quatro ou cinco pessoas e, além disso, resultam gazes sulfurosos e carbonicos que envenenam os pulmões. Em compensação a carestia da vida, aumentou em 3 por 1000 a mortalidade nos menos remedidos.

Grecia

Dese obriu-se um golpe de Estado com o fim de derrubar o actual rei e substitui-lo pelo seu irmão mais velho.

Turquia

Lavra com intensidade a revolu-

Argentina

Está imminente a greve geral.

Impressões de viagem

DE LISBOA A MACAU

Na ponte encontramos uma bala lancha a gasolina com o nosso pavilhão, na qual acabavam de chegar o novo consulo Cerveira de Albuquerque e mais quatro macaenses directores da Associação Portuguesa de Kobe, que tinham ido a bordo cumprimentar o governador (que regressava conosco) e convidado para um passeio que não pôde ser aceite, visto que o paquete estava a partir.

Seguimos todos na lancha portuguesa para bordo, onde foi lida uma honrosa mensagem ao governador, que a agradeceu oferecendo champagne aos portugueses.

Uma das reclamações feitas foi a d'uma escola onde se ensinasse portuguez pois, disseram e não se tornava difficil acreditar-os, ouvindo-os, os seus filhos, ali nascidos, não sabiam uma palavra de portuguez... e os seus paes, idos muito novos para o Japão estavam em caminho de esquecer a sua lingua—podiam apresentar com inteira verdade.

A's 22 horas o navio levantou ferro e partimos para Nagasaki.

O trajecto é lindissimo, sempre por entre ilhas muito formosas e povoadas e, por vezes a pravez estreitos canaes que se nos aguçava, um não competaram os navios e outros não terem saída. A farolagem, o que nada admira

visto encontrarem-se cerca de 160 ilhas está admiravelmente bem cuidada.

Encontrámos numerosa navegação a vapor e á vela.

A's 14 horas de 16 sofremos o resto dum tufão que passara ao largo tendo demorado 50 minutos e pouco depois entramos no estreito de Shimouasaki passando em frente de Moj e Shimouasaki, onde encontramos cerca de 70 navios a vapor, uns de quarentena por causa do cholera e outros abrigando-se de novo tufão esperado nessa noite.

Ao largo via-se encalhado um vapor inglez que naufragara na manhã— quando passara o tufão a que atraz nos referimos.

A's 23 horas de 16, tendo a tempestade passado ao largo, o navio de novo suspendeu ferro e continuou a sua derrota por Nagasaki. A's 12 e tres quartos do dia seguinte, fundeámos neste porto.

Depois do almoço, ás 13 e 45 minutos, quando o navio se encontrava invadido por centenaes de carregadores de carvão, de nobos os sexos e vendilhões amantantes, saímos de bordo para visitar Nagasaki— de tão tristes recordações para nós portugueses.

Vieira Branco

(Continua).

Secção de anuncios

MONTE-PIO NACIONAL

Associação de Socorros Mutuos

Fundada em 5 de julho de 1905

RUA AUGUSTA 40 e 42

Lisboa

PENSOES

Tendo se habilitado perante esta direcção D. Luiza Rita Camacho de Lacerda, viúva, residente em Faro, como unica herdeira com direito a pensão anual de 15000, legada por seu marido o socio n.º 3235 Luiz Cago Nobre de Lacerda.

CORREM EDITOS de 30 dias a contar de hoje convocando quaesquer filhos legitimos, legimados ou pertibados do falecido para que reclamem a parte que na mesma pensão lhes possa pertencer.

Lisboa, 4 de agosto de 1920.

O Secretario da Direcção,
Anello Socrates Moreira Fernandes

EDITAL

CAMARA MUNICIPAL

DE FARO

Venda de terrenos

A Comissão Executiva desta Camara faz publico que perante ela, nos Paços do Concelho, se realisará no dia vinte seis do corrente mez de agosto, pelas 15 horas, praça para venda de terrenos baldios pertencentes a esse Municipio e existentes no Campo do Carmo, freguezia de São Pedro desta cidade, os quaes estão compreendidos nos talhões C. D. e E., conforme a respectiva planilha topografica e bem assim os terre nos marginaes ás estradas d. Circunvalação e São Luiz, freguezia da Sé, desta mesma cidade.

TIPOGRAFIA DE O ALGARVE

RUA DE ALPORTEL, N.º 23

FARO

Esta casa, que não teme a concorrência das suas congengeres, está montada nas melhores condições e como tal apta, a desempenhar todos os trabalhos tipograficos e de encadernação desde o mais simples ao mais fino gosto.

Impressões a cores

Grande stock de papel e envelopes comerciais; cartões de visita em luto e em branco, etc., etc.

Preços modicos

Gaminhos de Ferro do Estado

DIREÇÃO DO SUL E SUESTE

ANUNCIO

Faz-se publico que no dia 16 de agosto de 1920 pelas 14 horas, na Secretaria da 5.ª Secção de Via e Obras em Faro, perante o respectivo Chefe terá lugar a arrematação para o fornecimento de 5.000, m³ 0 de pedra britada.

O deposito provisorio para ser admitido a licitar é de 1500 (cento e cincoenta escudos.)

Os licitantes podem enviar em carta fechada, para a entidade perante a qual é feito o concurso, a sua proposta acompanhada do recibo do deposito provisorio e de todos os documentos exigidos, entendendo-se que, procedendo assim, desistem de tomar parte na licitação verbal quando a haja, e do direito de reclamar acerca dos actos do concurso.

O projecto, cadernos de encargos e as condições de arrematação podem ser examinados todos os dias uteis, desde as 10 da manhã ás 16 horas da tarde na Secretaria da 5.ª Secção de Via e Obras em Faro.

Faro, 2 de agosto de 1920.

O Chefe int. da 5.ª Secção de Via e Obras,

Antonio M. Gracio

de. (Espaldão).

As condições das praças bem como a planta topografica estão patentes na secretaria desta Camara.

E para constar se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ter a devida publicidade.

Faro, 2 de agosto de 1920.

O Presidente,

Antonio Galvão

Banco de Portugal

AVISO

As provas praticas do concurso para escurituarios nas Agencias de Beja, Evora, Faro, Santarem, Setubal, e Correspondencia de Loulé, realizam-se no proximo dia 22 de Agosto, pelas onze horas da manhã, na Agencia de Evora.

Os Agentes

Antonio Maria Fructuoso da Silva.

No impediemento do Agente Francisco Vitorino dos Santos.

MAQUINA

de escrever usadas em bom estado, Remington ou outra marca acreditada com a se no Curso Pratico de Comercia.

Dirigir a Antonio Caserio, em OLHÃO.

PIANOS MUSICAES

Enorme sortimento de pianos alemães e franceses, por preços sem competencia.

GRANDE OFICINA DE REPARAÇÃO DE PIANOS,

com todos os aperfeiçoamentos modernos sob a direcção do conhecido constructor e afinador, sr. Juan Calle.

Fuertes Limitada

Sucers.

Da antiga e acreditada

«Casa Lambertini»

62-Praça dos Restauradores-68

Lisboa

Motor electrico

Marca Hermin Pop de força H. P. 7,5 volt 470 amp. 95,3 em perfeito estado e pouco usado.

Vende-se por 2.000\$300 esc. Dirigir a Matheus Joaquim da Silveira—FARO,